

O CONDE DE  
**MONTE**  
**CRISTO**



TOMO 2



Tradução: Frank de Oliveira

O CONDE DE  
**MONTE  
CRISTO**



TOMO 2

ALEXANDRE  
**DUMAS**



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês  
*Le Comte de Monte-Cristo*

Produção editorial  
Ciranda Cultural

Texto  
Alexandre Dumas

Diagramação  
Linea Editora

Tradução  
Frank de Oliveira

Design de capa  
Edilson Andrade

Preparação  
Walter Sagardoy

Imagens  
Rawpixel/Freepik.com

Revisão  
Maitê Ribeiro

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D886c	Dumas, Alexandre
	O conde de Monte Cristo: Tomo 2 / Alexandre Dumas; traduzido por Frank de Oliveira. - Jandira, SP : Principis, 2022. 512 p. ; 15,50cm x 22,60cm. - (Clássicos da literatura mundial - luxo)
	Título original: Le Comte de Monte-Cristo ISBN: 978-65-5552-589-2
	1. Literatura francesa. 2. Romance. 3. Vingança. 4. Prisão. 5. Marinheiro. 6. Plano. I. Oliveira, Frank de. II. Título. III. Série.
2022-0083	CDD 843 CDU 821.133.1-3

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Francesa : Ficção 843
2. Literatura Francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2022

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

Os comensais.....	519
O almoço .....	542
A apresentação.....	556
O senhor Bertuccio .....	572
A casa de Auteuil.....	578
<i>A vendetta</i> .....	587
A chuva de sangue.....	613
O crédito ilimitado.....	627
A parelha tordilha.....	642
Ideologia .....	656
Haydée .....	669
A família Morrel .....	675
Píramo e Tisbe .....	686
Toxicologia .....	698
Roberto, o diabo .....	716
A alta e a baixa .....	734
O major Cavalcanti .....	747
Andrea Cavalcanti.....	760
O cercado na luzerna .....	774
O senhor Noirtier de Villefort .....	786

Um testamento.....	796
O telégrafo .....	806
Maneira de livrar um jardineiro dos arganazes que comem seus pêssegos .....	817
Os fantasmas .....	829
O jantar .....	840
O mendigo.....	852
Cena conjugal.....	863
Projetos de casamento .....	875
O gabinete do procurador do rei.....	887
Um baile de verão.....	900
As informações .....	910
O baile.....	922
O pão e o sal.....	934
A senhora de Saint-Méran .....	940
A promessa.....	954
O jazigo da família Villefort.....	985
A ata .....	996
Os progressos de Cavalcanti filho .....	1011



# OS COMENSAIS

Na casa da Rue du Helder, onde Albert de Morcerf marcara o encontro em Roma com o conde de Monte Cristo, tudo se preparava na manhã de 21 de maio para honrar a palavra do jovem.

Albert de Morcerf morava num pavilhão situado no canto de um grande pátio e de frente para outra construção destinada aos criados. Só duas janelas desse pavilhão davam para a rua; as outras tinham aberturas, três para o pátio e duas outras para o jardim.

Entre o pátio e esse jardim elevava-se, construída com o mau gosto da arquitetura imperial, a habitação moderna e vasta do conde e da condessa de Morcerf.

Em toda a largura da propriedade reinava, com vista para a rua, um muro dominado, de distância em distância, por vasos de flores, e cortado no meio por um grande portão de lanças douradas, que servia para as entradas solenes. Uma pequena porta quase junto ao cômodo do porteiro dava passagem aos serviçais ou aos donos da casa ao entrar ou sair a pé. Adivinhava-se, nessa escolha do pavilhão destinado à habitação de Albert, a delicada precaução de uma mãe que, não querendo separar-se do filho, compreendera que um homem novo, da idade do visconde, precisava de

toda a sua liberdade. Também era reconhecido, por outro lado, devemos dizê-lo, o inteligente egoísmo do jovem, apaixonado por essa vida livre e ociosa que é a dos filhos de boa família, e que era mimado como o pássaro em sua gaiola.

Por essas duas janelas com vista para a rua, Albert de Morcerf podia explorar a vida do lado de fora. A vista do exterior é tão necessária aos jovens que sempre querem ver o mundo atravessar seu horizonte, ainda que esse horizonte seja apenas o da rua! Então, feita a sua exploração, se esta parecia merecer um exame mais aprofundado, Albert de Morcerf podia, para dedicar-se à sua pesquisa, sair por uma pequena porta que emparelhava com a que citamos, perto do alojamento do porteiro, e que merece uma menção especial.

Era uma pequena porta que se diria esquecida de todo mundo desde o dia em que a casa foi edificada, e parecia condenada para sempre, de tal modo ela se mostrava discreta e empoeirada, mas cuja fechadura e dobradiças cuidadosamente oleadas anunciavam uma prática misteriosa e continuada; essa pequena porta sorrateira competia com as outras duas e não se importava com o zelador, a vigilância e a jurisdição da qual ela escapava, abrindo-se como a famosa porta da caverna das *Mil e uma noites*, como o Sésamo encantado de Ali-Babá, por meio de algumas palavras cabalísticas, ou alguns arranhões combinados, aquelas pronunciadas pelas mais suaves vozes, estes operados pelos dedos mais afiados do mundo.

No fim de um corredor vasto e calmo, para qual dava essa pequena porta, fazendo uma antecâmara, abriam-se à direita a sala de jantar de Albert, com vista para o pátio, e à esquerda seu pequeno salão com vista para o jardim. Maciços de plantas trepadeiras que se expandiam em leque, em frente às janelas, escondiam do pátio e do jardim o interior desses dois cômodos, que, por se situarem no piso térreo, poderiam atrair olhares indiscretos.

No primeiro andar, esses dois cômodos se repetiam, enriquecidos com um terceiro, sobre a antecâmara. Esses três cômodos eram uma sala de estar, um quarto de dormir e uma alcova.

A sala de estar de baixo continha apenas uma espécie de sofá argelino destinado aos fumantes.

A alcova dava para o quarto de dormir, e, por uma porta invisível, comunicava-se com a escada. Nota-se que todas as medidas de precauções tinham sido tomadas.

Acima desse primeiro andar, reinava um amplo ateliê, que tinha sido ampliado deitando-se abaixo muralhas e divisórias, pandemônio que o artista disputava ao dândi. Lá se refugiavam e se amontoavam todos os caprichos sucessivos de Albert, os chifres de caça, os baixos, as flautas, uma orquestra completa, porque Albert tinha tido num momento, não o gosto, mas a fantasia da música; os cavaletes, as paletas, os pastéis, pois à fantasia da música sucedeu a presunção da pintura; por fim, os floretes, as luvas de boxe, os espadartes e as bengalas de todos os tipos; porque, finalmente, seguindo as tradições dos jovens da moda da época a que chegamos, Albert de Morcerf cultivava, com infinitamente mais perseverança do que o fizera com a música e a pintura, essas três artes que completavam a educação leonina<sup>1</sup>, ou seja, esgrima, boxe e bastão, e ele recebia sucessivamente nessa sala destinada a todos os exercícios do corpo, Grisier, Cooks e Charles Lecour.

O resto da mobília desse cômodo privilegiado era composto de velhos baús do tempo de Francisco I, baús cheios de porcelana da China, de vasos do Japão, de faianças de Lucca de la Robbia e de pratos de Bernard de Palissy; de poltronas antigas onde talvez tivessem se sentado Henrique IV ou Sully, Luís XIII ou Richelieu, porque duas dessas poltronas, decoradas com um emblema esculpido, onde brilhavam sobre o azul as três flores de lírio da França encimadas por uma coroa real, visivelmente devem ter saído dos guarda-móveis do Louvre, ou pelo menos de algum castelo real. Nessas poltronas de fundos sombrios e severos, eram jogados em desordem ricos tecidos de vivas cores, tingidos ao sol da Pérsia ou urdidos pelos dedos das mulheres de Calcutá e de Chandernagor. O que faziam ali esses tecidos não se podia dizer; esperavam, recreando os olhos, um destino

---

<sup>1</sup> Educação dos leões, como eram chamados os jovens endinheirados da alta sociedade. (N.T.)

desconhecido até mesmo de seu possuidor, e, enquanto isso, iluminavam o apartamento com seus reflexos sedosos e dourados.

No lugar de destaque, estava um piano, esculpido por Roller e Branchet em jacarandá rosa, piano do tamanho das nossas salas de liliputianos, contendo, no entanto, uma orquestra em sua estreita e sonora cavidade, e gemendo sob o peso das obras-primas de Beethoven, Weber, Mozart, Haydn, Grétry e Porpora.

Além disso, havia por toda parte, ao longo das muralhas, acima das portas, no teto, espadas, punhais, clavas, armaduras completas douradas, damasquinadas, incrustadas; herbários, blocos de minerais, pássaros empalhados, abrindo para um voo imóvel suas asas cor de fogo e seus bicos que nunca fechavam.

Escusado será dizer que esse era o cômodo preferido de Albert.

No entanto, no dia do encontro, o jovem, vestido de maneira elegante, mas não exageradamente formal, tinha estabelecido seu quartel-general no pequeno salão do térreo. Ali, numa mesa rodeada a distância de um sofá largo e fofo, todos os tabacos conhecidos, desde o tabaco amarelo de São Petersburgo até o tabaco negro do Sinai, passando pelo Maryland, pelo porto-rico e pelo latakiê, resplandeciam nos potes de faiança craquelê que os holandeses adoram. Ao lado deles, em caixas de madeira odorífera, tinham sido arrumados, por ordem de tamanho e de qualidade, os puros, os regalia, os havanas e os manilhas; finalmente, em um armário todo aberto, uma coleção de cachimbos alemães, chibiques<sup>2</sup> com bocais de âmbar, ornadas com coral, e narguilés incrustados de ouro, com longos canos de marroquim enrolados como serpentes, esperavam o capricho ou a simpatia dos fumantes. Albert tinha presidido ele mesmo ao arranjo ou melhor à desordem simétrica que, após o café, os convidados de um almoço moderno gostam de contemplar através do vapor que escapa de sua boca e que sobe ao teto em longas e caprichosas espirais.

---

<sup>2</sup> Cachimbo oriental de origem turca, caracterizado pelo tubo longo. (N.T.)

Às quinze para as dez, entrou um criado de quarto. Era um pequeno serviçal de quinze anos de idade, que só falava inglês e respondia pelo nome de John, único empregado de Morcerf. Claro que ordinariamente o cozinheiro da casa estava à sua disposição e nas grandes ocasiões também o camareiro do conde.

Esse camareiro, que se chamava Germain e gozava da confiança total de seu jovem amo, segurava na mão uma pilha de jornais que colocou sobre uma mesa, e um maço de cartas que entregou a Albert.

Albert deitou um olhar distraído sobre as diferentes cartas e escolheu duas com as escritas finas e os envelopes perfumados, as quais abriu e leu com certa atenção.

– Como chegaram essas cartas? – ele perguntou.

– Uma veio pelo correio, a outra pelo criado da senhora Danglars.

– Diga à senhora Danglars que aceito o lugar que ela me oferece no seu camarote... Espere... em seguida, durante o dia, você vai passar na casa de Rosa; vá lhe dizer que irei, honrando seu convite, cear com ela quando eu sair da Ópera, e que você vai levar-lhe seis garrafas de vinhos sortidos, de Chipre, de Xerez, de Málaga, e um barril de ostras de Ostende... pegue as ostras no Borel, e não se esqueça de dizer que são para mim.

– A que horas o senhor quer ser servido?

– Que horas são?

– Quinze para as dez.

– Ótimo! Sirva às dez e meia em ponto. Debray talvez venha a ser forçado a ir ao seu ministério... E por falar nisso... – Albert consultou seu bloco de anotações –, é bem a hora que indiquei ao conde, 21 de maio, às dez e meia da manhã, e, embora eu não confie muito em sua promessa, quero ser pontual. A propósito, você sabe se a senhora condessa já levantou?

– Se o senhor Visconde assim o desejar, vou me informar.

– Sim... vá pedir-lhe uma das suas adegas para licores, a minha está incompleta, e dir-lhe-á que terei a honra de passar na casa dela por volta das três horas, e que lhe peço a permissão para lhe apresentar uma pessoa.

O criado saiu. Albert jogou-se no sofá, rasgou o envelope de dois ou três jornais, olhou os espetáculos, fez uma careta ao reconhecer que se representava uma ópera e não um balé, em vão procurou nos anúncios de perfumaria um opiáceo para os dentes, de que lhe tinham falado, e rejeitou uma depois da outra as três gazetas de Paris mais lidas, murmurando no meio de um bocejo prolongado:

– Na verdade, esses jornais se tornam cada dia mais enfadonhos.

Nesse momento, uma carruagem ligeira parou em frente à porta e um instante depois o criado entrou para anunciar o senhor Lucien Debray. Um jovem loiro e alto, pálido, olhar cinzento e confiante, lábios finos e frios, de casaca azul, de botões de ouro trabalhados, gravata branca, lornhão de tartaruga pendurado por um fio de seda, e que, por um esforço do nervo superciliar e do nervo zigomático, ele conseguia fixar ocasionalmente na cavidade do seu olho direito, entrou sem sorrir, sem falar, e com um ar semioficial.

– Olá, Lucien, olá! – disse Albert. – Puxa, você me assusta, meu caro, com sua pontualidade! Mas o que digo? Pontualidade! Você, que eu só esperava por último, chega às cinco para as dez, quando o encontro definitivo é apenas dez e meia! É um milagre! Por acaso, o ministério caiu?

– Não, meu caro – disse o jovem, incrustando-se no divã. – Não se preocupe, vacilamos ainda, mas nunca caímos, e eu começo a pensar que passamos simplesmente à inamovibilidade, sem contar que os negócios da península vão nos fortalecer totalmente.

– Ah! Sim, é verdade, vocês estão expulsando Dom Carlos da Espanha.

– Não, meu caro; não confundamos; nós o levamos de volta para o outro lado da fronteira da França, e oferecemos a ele uma hospitalidade real em Bourges.

– Em Bourges, certo?

– Sim, ele não tem de que se queixar, que diabos! Bourges é a capital do rei Carlos VII. Como? Você não sabia disso? É sabido desde ontem em toda Paris, e anteontem a coisa já tinha transpirado na Bolsa, porque o senhor

Danglars (não sei por qual meio esse homem sabe das notícias ao mesmo tempo que nós) apostou na alta e ganhou um milhão.

– Já você, parece que ganhou uma nova insígnia; porque vejo um rebordo azul adicionado à sua coleção.

– Bobagem! Enviaram-me a medalha de Carlos III – respondeu negligentemente Debray.

– Vamos lá, não seja indiferente, e admita que você ficou contente de recebê-la.

– De fato, sim, como complemento das vestimentas, fica bem em um traje preto abotoado; é elegante.

– E – disse Morcerf sorrindo –, ficamos parecidos com o príncipe de Gales ou com o duque de Reichstadt.

– Eis portanto a razão dessa minha visita tão matinal.

– Por que tem o crachá de Carlos III e queria dar-me essa boa notícia?

– Não, porque passei a noite a enviar cartas: vinte e cinco despachos diplomáticos. Regressando para minha casa hoje de manhã, eu quis dormir; mas a dor de cabeça me tomou, e eu me levantei para montar a cavalo por uma hora. No Bois de Boulogne, o tédio e a fome apanharam-me, dois inimigos que vão raramente juntos, e que no entanto se uniram contra mim: uma espécie de aliança carlo-republicana; lembrei-me então que havia uma festa em sua casa esta manhã, e aqui estou: tenho fome, alimente-me; estou entediado, divirta-me.

– É o meu dever de anfitrião, caro amigo – disse Albert, chamando o criado, enquanto Lucien fazia saltar, com o castão de ouro incrustado de turquesa de sua bengala, os jornais desdobrados. – Germain, um copo de xerez e um biscoito. Enquanto isso, meu caro Lucien, aqui estão alguns charutos de contrabando, é claro; faço questão que os prove e convide seu ministro para nos vender uns assim, em vez dessas espécies de folhas de nogueira que ele condena os bons cidadãos a fumar.

– Você enlouqueceu! Eu não faria isso. Assim que eles viessem do governo, não os aceitaria mais e os acharia execráveis. Aliás, isso não tem

a ver com assuntos internos, tem a ver com finanças. Dirija-se ao senhor Humann, seção das contribuições indiretas, corredor A, nº 26.

– Na verdade – disse Albert –, surpreende-me a dimensão dos seus conhecimentos. Mas pegue um charuto!

– Ah, caro conde – disse Lucien acendendo um manilha com uma vela rosa que ardia num castiçal de prata dourada e recostando-se no divã –, ah, caro conde, como você é feliz de não ter nada para fazer! Na verdade, você não conhece sua felicidade!

– E o que você faria, meu caro pacificador de reinos – Morcerf respondeu com uma ligeira ironia –, se nada fizesse? Como!? Secretário particular de um ministro, lançado simultaneamente na grande cabala europeia e nas pequenas intrigas de Paris; tendo reis e, melhor que isso, rainhas a proteger, partidos a reunir, eleições a dirigir; fazendo mais de seu gabinete, com sua pena e seu telégrafo, do que Napoleão fazia de seus campos de batalha com sua espada e suas vitórias; possuindo vinte e cinco mil libras de renda além do cargo, um cavalo pelo qual Château-Renaud lhe ofereceu 400 luíses e você não quis vender; tendo a Ópera, o Jockey Club e o Teatro de Variedades, você não encontra em tudo isso, com que se distrair? Que seja, eu mesmo vou distrai-lo.

– Como assim?

– Apresentando-lhe uma pessoa nova.

– Homem ou mulher?

– Homem.

– Oh! Já conheço muitos!

– Mas não conhece nenhum como esse de quem lhe falo.

– De onde ele vem? Do fim do mundo?

– Talvez de mais longe.

– Ah! Raios! Espero que ele não traga o nosso almoço?

– Não, não se preocupe, o nosso almoço está sendo feito nas cozinhas maternas. Mas você está com fome?

– Sim, confesso, por mais humilhante que seja dizê-lo. Mas ontem jantei na casa do senhor de Villefort; e você notou isso, caro amigo? Janta-se

muito mal na casa de toda essa gente dos tribunais: parece que sempre sentem remorsos.

– Ah, meu Deus! Depreciar os jantares dos outros; como se jantasse bem na casa dos seus ministros.

– Sim, mas não convidamos as pessoas de bom-tom, pelo menos; e se não fôssemos obrigados a fazer as honras da nossa mesa a alguns camponeses que pensam e, sobretudo, que votam bem, fugiríamos como a peste de jantar em nossa casa, por favor, acredite.

– Vamos, meu caro, pegue um segundo copo de xerez e outro biscoito.

– Com prazer, o seu vinho de Espanha é excelente; como vê, fizemos bem em pacificar esse país.

– Sim, mas Dom Carlos?

– Bem! Dom Carlos vai beber vinho de Bordeaux e dentro de dez anos casaremos seu filho com a pequena rainha.

– O que lhe valerá a ordem do Tosão de Ouro, se ainda estiver no ministério.

– Acredito, Albert, que nesta manhã adotou como sistema alimentar-me de fumo.

– Eh! É isso que ainda mais diverte o estômago, admita; mas, veja, ouço a voz de Beauchamp na antecâmara. Vocês discutirão, isso o fará ser paciente.

– A respeito de quê?

– A respeito de jornais.

– Ah! Querido amigo – disse Lucien com um soberano desprezo –, será que leio os jornais?!

– Mais uma razão, por isso vão discutir muito mais.

– O senhor Beauchamp! – anunciou o criado.

– Entre, entre, pena terrível! – disse Albert levantando-se e indo ao encontro do rapaz –, aqui está Debray que o detesta sem o ler, pelo menos, segundo disse.

– Ele tem razão – disse Beauchamp. – É como eu, critico-o sem saber o que faz. Olá, comendador.